

DENNIS LEHANE

Depois da queda

Tradução
Sergio Flaksman



Copyright © 2017 by Dennis Lehane

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

A letra de “Since I Fell for You” na p. 7 foi usada com a permissão de Alfred Publishing, LLC.

Título original

Since We Fell

Capa

Carlos Di Celio

Foto de capa

Rafael Di Celio

Preparação

Ana Maria Alvares

Revisão

Luciane Gomide

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lehane, Dennis

Depois da queda / Dennis Lehane ; tradução Sergio Flaksman. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: Since We Fell

ISBN 978-85-359-3057-3

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana)
1. Título.

17-11745

CDD-813.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura norte-americana
813.0872

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

*Em memória de David Wickham,
um príncipe da Providência e um sujeito muito bacana*

*Quando você dá amor e não recebe em troca
melhor deixar o amor ir embora
eu sei que é assim, mas sei também
que não consigo tirar você do meu coração*

Buddy Johnson, “Since I Fell for You”

Mascarado, eu avanço.

René Descartes

Sumário

Prólogo — Depois de *A escada*, 11

I RACHEL NO ESPELHO 1979-2010

1. Setenta e três homens chamados James, 17
2. Relâmpagos, 31
3. J. J., 41
4. Tipo B, 45
5. Sobre o luminismo, 58
6. Desconexões, 76
7. Você me viu?, 89
8. Granito, 95

II BRIAN 2011-4

9. A andorinha, 109
10. Acendendo as luzes, 121
11. Apetites, 131
12. O colar, 140
13. Refração, 149
14. Scott Pfeiffer de Grafton, Vermont, 157

15. Molhada, 168
16. A reentrada, 183
17. Gattis, 190
18. Choque cultural, 200
19. A Mineradora Alden, 211
20. VHS, 221
21. P380, 226
22. A máquina de limpar neve, 239

III RACHEL NO MUNDO 2014

23. Trevas, 253
24. Kessler, 257
25. Que chave?, 272
26. O bocal, 281
27. A coisa, 290
28. Arriscando, 297
29. Um basta, 305
30. A essência primal, 315
31. O esconderijo, 328
32. A confissão, 337
33. O banco, 346
34. A dança, 362
35. Foto de família, 376

Agradecimentos, 389

Prólogo — Depois de A escada

Numa terça-feira de maio, no trigésimo quinto ano da sua vida, Rachel matou o marido com um tiro. Ele cambaleou para trás com uma estranha expressão de confirmação no rosto, como se alguma parte dele sempre tivesse desconfiado que iria morrer pelas mãos de sua mulher.

Tinha ainda um ar de surpresa. Como Rachel imaginava que seu rosto também exibia.

Já a mãe dela não se surpreenderia.

A mãe de Rachel, que nunca tinha se casado na vida, era autora de um famoso livro sobre a preservação do casamento. Os capítulos tinham os nomes dos estágios que Elizabeth Childs, ph.D., havia identificado em qualquer relação amorosa, desde o primeiro momento de atração mútua. O título do livro era A escada, e fez tanto sucesso que a mãe de Rachel foi convencida (ela mesma diria “coagida”) a escrever duas continuações, Voltando a subir a escada e Os degraus da escada: Um guia prático, cada um dos quais venderia menos que o anterior.

Pessoalmente, a mãe de Rachel achava que os três livros não passavam de “supostas soluções emocionais para adolescentes”, mas sentia um carinho obstinado pelo primeiro, A escada, pois não tinha consciência, ao tê-lo escrito, de quão pouco sabia sobre o assunto. O que revelou a Rachel quando a menina tinha dez anos. Naquele mesmo verão, já avançada nos drinques do fim de

tarde, ela diria à filha, “Os homens são as histórias que contam sobre si mesmos, quase sempre mentirosas. Nunca examine nenhuma delas em detalhe. Se você denunciar que são falsas, isso só irá resultar em humilhação para vocês dois. Melhor aceitar conviver com a falsidade”.

Em seguida, sua mãe lhe deu um beijo na cabeça. Um tapinha no rosto. Para lhe dizer que estava em segurança.

Rachel tinha sete anos quando A escada foi publicado. Lembrava-se dos telefonemas intermináveis, do frenesi das viagens, da mãe cada vez mais dependente do cigarro, envolta numa aura forçada de glamour desesperado. Tinha a lembrança de uma sensação que mal conseguia articular, de que a mãe, que nunca fora feliz, ficou ainda mais amarga com o sucesso. Anos mais tarde, viria a desconfiar que a fama e o dinheiro deixaram Elizabeth sem desculpas para a sua infelicidade. Aquela mãe, brilhante na análise dos problemas alheios, jamais foi capaz de diagnosticar a si mesma. Assim, passou a vida inteira buscando soluções para problemas que nasciam, cresciam, viviam e morriam confinados em sua própria medula. Rachel não sabia disso aos sete anos, claro, nem aos dezessete. Só sabia que a mãe era infeliz, o que fazia dela uma filha infeliz.

Quando Rachel atirou no marido, estava a bordo de um barco na área do porto de Boston. Seu marido só continuou de pé por muito pouco tempo — sete segundos? dez? — antes de cair na água por cima da amurada.

Naqueles segundos finais, porém, um catálogo de emoções sucedeu-se nos olhos dele.

Desalento. Autocomiseração. Terror. Um abandono tão completo que subtraiu trinta anos de idade e o transformou num menino de dez anos diante dos olhos dela.

E raiva, é claro. Indignação.

E uma determinação súbita e feroz, como se, ao mesmo tempo que seu coração vertia sangue na mão aberta em concha um pouco abaixo do peito, ele ainda achasse que ia ficar bem, conseguira sair dessa sem problemas. Afinal de contas, era forte, tinha criado tudo o que tinha valor na sua vida com base apenas em sua força de vontade, que também havia de livrá-lo daquela situação.

E em seguida a compreensão nascente: Não, dessa vez não ia dar.

E olhou direto para Rachel, enquanto a mais incompreensível das emoções sobrepujava as demais e se manifestava, imperiosa:

O amor.

O que não era possível.

Mas ainda assim...

Não havia a menor dúvida. Feroz, incontrolável, puro. Borbulhante e deramado como o sangue que empapava sua camisa.

E ele formou as palavras com os lábios, como muitas vezes fazia de longe, em ambientes lotados: Eu. Te. Amo.

Em seguida caiu do barco, e afundou na água escura.

Dois dias antes, se alguém tivesse perguntado se ela amava o marido, Rachel teria respondido que sim.

Na verdade, se alguém lhe tivesse feito a mesma pergunta no momento em que ela puxou o gatilho, teria respondido que sim.

A mãe dela tinha escrito um capítulo sobre isso — Capítulo 13: “A discordância”.

Ou será que o capítulo seguinte — “A morte da velha narrativa” — se aplicava melhor ao caso?

Rachel não sabia ao certo. Às vezes confundia um com o outro.

I
RACHEL NO ESPELHO
1979-2010

1. Setenta e três homens chamados James

Rachel nasceu no Pioneer Valley, na parte oeste do estado de Massachusetts, uma área conhecida como a Região dos Cinco Colleges — Amherst, Hampshire, Mount Holyoke, Smith e a Universidade de Massachusetts. Ali trabalhavam dois mil professores, lecionando para vinte e cinco mil alunos. Cresceu num mundo de cafés, pousadas simples, áreas verdes generosas, casas revestidas de tábuas, com varandas em toda a volta e sótãos de cheiro concentrado. No outono, as folhas caíam em abundância e sufocavam as ruas, espalhando-se pelas calçadas e obstruindo as aberturas das cercas. Em certos invernos, a neve sepultava o vale num silêncio tão denso que se transformava em seu próprio som. Em julho e agosto, o carteiro circulava numa bicicleta com uma sineta no guidom, e os turistas acorriam, atrás das atrações de verão: os espetáculos teatrais de repertório e a caça às antiguidades.

O nome do pai dela era James. E ela não sabia muito mais a seu respeito. Lembrava que tinha cabelos escuros e ondulados, um sorriso repentino e hesitante. Pelo menos duas vezes, ele a tinha levado a um parquinho com um escorregador verde-escuro, onde as nuvens da região pairavam tão baixas que, antes de colocá-la no balanço, ele precisava enxugar o assento por causa da condensação. Num desses passeios ele a fizera rir, mas ela não lembrava como.

James lecionava em alguma das faculdades da área. Ela não tinha ideia de qual, ou se ele era professor adjunto, assistente ou efetivo. Sequer sabia se ele trabalhava numa das cinco instituições do vale. Podia ensinar em Berkshire ou na Springfield Technical, no Greenfield Community College, na Westfield State ou numa dúzia de outras universidades e faculdades autônomas da região.

Quando James as deixou, a mãe dela lecionava no Mount Holyoke College. Rachel tinha pouco menos de três anos e jamais saberia dizer ao certo se tinha visto o pai ir embora de casa ou se só imaginava tê-lo visto partindo, como forma de tentar suturar a ferida aberta pela sua ausência. Ouvia a voz da mãe através da parede da casinha que tinham alugado aquele ano na Westbrook Road. *Está me ouvindo? Se sair por essa porta, vou eliminar você da nossa vida.* Pouco depois, o barulho de uma mala pesada nos degraus da escada dos fundos, e a batida da tampa do porta-malas. Os grunhidos e resfôlegos de um motor frio ganhando vida num carro pequeno, depois o som dos pneus esmagando os restos das folhas no inverno e a terra congelada, seguido de... silêncio.

Pode ser que a mãe dela achasse que ele não iria embora de verdade. Pode ser que, depois que ele partiu, tivesse a certeza de que iria regressar. Quando James não voltou mais, sua decepção transformou-se em ódio, e seu ódio aos poucos tornou-se imensurável.

“Ele foi embora”, ela respondeu quando Rachel tinha uns cinco anos e começou com as perguntas insistentes sobre o paradeiro do pai. “Não quer nada com a gente. E é melhor assim, meu amor, porque a gente não precisa dele para definir quem a gente é.” Ajoelhou-se em frente a Rachel e prendeu um fio de cabelo rebelde atrás da orelha dela. “E não vamos mais falar dele. Está bem?”

Mas é claro que Rachel voltaria a falar dele, a perguntar por ele. No começo, isso deixava sua mãe exasperada; um pânico incontrolável revelava-se em seus olhos e dilatava suas narinas. Mas pouco a pouco o pânico foi sendo substituído por um sorriso estranho. Tão discreto que mal era propriamente um sorriso, só uma leve curvatura para cima do canto direito da boca, complacente, amarga e vitoriosa ao mesmo tempo.

Anos haveriam de passar antes de Rachel vir a identificar o advento desse sorriso como o momento em que sua mãe decidiu (de forma consciente ou in-

consciente, ela jamais saberia) transformar a identidade do pai dela no principal campo de batalha de uma guerra que se estenderia por toda a sua juventude.

Sua mãe prometeu revelar-lhe o nome todo de James quando ela fizesse dezesseis anos, desde que Rachel demonstrasse ter amadurecido o bastante para lidar bem com a informação. Mas, naquele verão, pouco antes de seu décimo sexto aniversário, Rachel foi detida a bordo de um carro roubado na companhia de Jarod Marshall, com quem tinha garantido à mãe que nunca mais sairia. A próxima data marcada foi a da formatura no ensino médio, mas depois de um desastre provocado pelo consumo de ecstasy num baile da escola, naquele mesmo ano, Rachel mal conseguiu se formar. Se entrasse direto para uma faculdade, primeiro para um curso suplementar de dois anos destinado a melhorar seu currículo e depois para uma universidade “de verdade”, prometeu-lhe a mãe, ela talvez acabasse contando.

E as duas brigavam o tempo todo por causa disso. Rachel gritava, quebrava coisas, enquanto o sorriso de sua mãe só fazia ficar menor e mais frio. E ela repetia a pergunta para Rachel: “Por quê?”.

Por que você quer saber? Por que acha que precisa conhecer um estranho que nunca fez parte da sua vida nem respondeu pela sua segurança financeira? Será que primeiro não devia cuidar do que faz você se sentir tão infeliz, antes de sair pelo mundo à procura de um homem que não vai poder lhe dar nenhuma resposta, e nem lhe trazer qualquer paz?

“Porque ele é meu pai!”, Rachel respondeu aos gritos mais de uma vez.

“Ele não é seu pai”, retrucou a mãe, com um ar de condolência untuosa. “Foi só meu doador de esperma.”

Essa resposta veio ao final de uma das piores brigas entre as duas, o Tchernóbil dos bate-bocas entre mãe e filha. Rachel desceu deslizando pela parede da sala até cair sentada no chão, derrotada, e sussurrar, “Você está me matando”.

“Só estou te protegendo”, a mãe dela respondeu.

Rachel levantou os olhos e viu, horrorizada, que a mãe acreditava mesmo naquilo. Pior: definia-se a partir dessa convicção.

No primeiro ano da faculdade, enquanto Rachel, em Boston, assistia a uma aula de Introdução aos Estudos Literários Britânicos desde 1550, sua mãe furou um sinal vermelho em Northampton, e o Saab que dirigia quase foi partido ao meio por um caminhão-tanque que trafegava à velocidade máxima

permitida naquele trecho. Num primeiro momento, houve a preocupação com a integridade do tanque, mas logo se verificou que não fora perfurado no acidente. Um alívio para os bombeiros e os paramédicos que vieram de Pittsfield: o caminhão-tanque só tombou na pista. O cruzamento ficava numa área adensada por um asilo para idosos e uma pré-escola instalada num subsolo.

O motorista do caminhão-tanque sofreu uma leve torção no pescoço e rompeu um ligamento do joelho direito. Elizabeth Childs, escritora de alguma fama, morreu na hora. E embora sua reputação nacional já não fosse a mesma, sua celebridade local ainda se mantinha. Tanto o *Berkshire Eagle* quanto a *Daily Hampshire Gazette* publicaram seu obituário na primeira página, logo abaixo da dobra, e muitos compareceram ao seu funeral, embora a recepção posterior em sua casa tenha sido menos concorrida. Rachel acabou doando a maior parte da comida para um abrigo local de sem-teto. Conversou com vários amigos da mãe, a maioria mulheres e um homem, Giles Ellison, que lecionava ciência política em Amherst e que, Rachel desconfiava havia algum tempo, era amante ocasional de Elizabeth. E percebeu que estava certa ao ver a maneira como as mulheres davam uma atenção especial a Giles, que falava muito pouco. Normalmente gregário, toda hora ele separava os lábios como se fosse dizer alguma coisa, depois mudava de ideia. Corria os olhos pela casa como para absorver o que havia lá, como se aquilo tudo lhe fosse familiar e lhe tivesse trazido certo conforto em algum momento. Como se fosse o que lhe restava da mãe dela, e ele acabasse de se dar conta de que nunca mais tornaria a ver a casa, ou a própria Elizabeth. Rachel olhou para ele, emoldurado pela janela da sala de estar que dava para a Old Mill Lane, num dia chuvoso de abril, e sentiu-se inundada por uma imensa compaixão por Giles Ellison, que dava sinais evidentes de envelhecimento, a caminho da aposentadoria e da obsolescência. Em seus cálculos anteriores, teria a companhia de uma leoa feroz para enfrentar esse rito de passagem, mas agora se via obrigado a atravessá-lo sozinho. Era improvável que encontrasse outra parceira de inteligência e ferocidade tão radiosas quanto Elizabeth Childs.

E ela tinha sido radiosa à sua própria maneira, sempre severa e excessiva. Nunca entrava num cômodo: tomava o ambiente de assalto. Não abordava amigos ou colegas: simplesmente arrebatava os presentes. Jamais tirava um cochilo, raramente aparecava cansaço, e ninguém se lembrava de jamais

tê-la visto doente. Quando Elizabeth Childs deixava algum lugar, todos sentiam que tinha ido embora, mesmo que só chegassem depois de sua partida. Quando Elizabeth Childs deixou o mundo, o efeito foi o mesmo.

Rachel ficou surpresa de constatar o quanto estava pouco preparada para perder a mãe. Elizabeth tinha sido muitas coisas, a maioria nada positivas na opinião da filha, mas sempre estivera plenamente *presente*. E agora tinha ido embora de uma vez por todas — e de forma tão violenta.

Mas aquela velha pergunta continuava sem resposta. E, com a perda da mãe, fora-se o único acesso que Rachel tinha àquele segredo. Elizabeth podia recusar-se a responder, mas não havia dúvida de que sabia a resposta. Agora, era bem possível que ninguém mais soubesse.

Por mais que Giles, as amigas, os agentes e editores conhecessem Elizabeth Childs — e cada um parecia conhecer uma versão de Elizabeth que diferia um pouco, em alguns aspectos cruciais, da mulher de quem Rachel se lembrava —, nenhum deles tivera contato com ela antes do nascimento da filha.

“Quem me dera saber alguma coisa a respeito de James”, Ann Marie McCarron, a amiga mais antiga de Elizabeth na área, disse a Rachel depois de terem bebido o bastante para que Rachel conseguisse abordar o assunto, “mas a primeira vez que saí com a sua mãe foi meses depois da separação dos dois. Só lembro que ele lecionava em Connecticut.”

“Connecticut?” Estavam sentadas na varanda dos fundos da casa, apenas trinta e cinco quilômetros ao norte da divisa com Connecticut, mas nunca tinha ocorrido a Rachel que o pai podia perfeitamente lecionar não num dos Cinco Colleges, ou nas quinze outras instituições distribuídas pelos Berkshires do lado de Massachusetts, mas apenas meia hora ao sul dali, em Connecticut.

“Na Universidade de Hartford?”, ela perguntou a Ann Marie.

Ann Marie franziu os lábios e o nariz ao mesmo tempo. “Não sei. Pode ser.” Passou um braço pelos ombros de Rachel. “Quem me dera poder ajudar. E torço também para você desistir dessa procura.”

“Por quê?”, perguntou Rachel (o eterno *por quê*, como dizia para si mesma). “Ele era um homem horrível?”

“Nunca ouvi dizer que fosse horrível”, respondeu Ann Marie arrastando um pouco as palavras e fazendo uma careta. Olhou através da tela da varanda para a cerração cor de pedra que cobria as montanhas cinzentas e disse com uma firmeza definitiva. “Querida, só ouvi dizer que ele levou a vida adiante.”

No testamento, a mãe de Rachel deixou tudo para ela. Era menos do que Rachel imaginava, mas bem mais do que necessitava aos vinte e um anos de idade. Se levasse uma vida frugal e investisse com bom senso, era bem possível que conseguisse viver uns dez anos só à custa de sua herança.

Encontrou os dois álbuns de formatura da mãe numa gaveta trancada do escritório dela — primeiro na North Adams High School e depois no Smith College. Tinha feito mestrado e doutorado na Johns Hopkins (*aos vinte e nove anos*, Rachel fez as contas, Deus do céu), mas o único registro desses cursos de pós-graduação eram os diplomas emoldurados na parede, ao lado da lareira. Rachel percorreu os álbuns três vezes, forçando-se a avançar muito lentamente em cada um. Encontrou, no total, quatro fotos da mãe, duas posadas e duas em grupo. No álbum do Smith College, não encontrou nenhum formando chamado James, porque era uma escola só para mulheres, mas localizou dois membros do corpo docente, nenhum dos quais era da idade certa nem tinha cabelos pretos. No álbum da North Adams High School, encontrou seis rapazes chamados James, dois dos quais poderiam ser ele — James McGuire e James Quinlan. Precisou de meia hora no computador da biblioteca de South Hadley para verificar que James McGuire, ex-aluno da North Adams, tinha ficado paralítico num acidente de balsa numa corredeira, antes ainda de se formar na universidade; já James Quinlan se formou em administração de empresas na Universidade Wake Forest, e quase nunca saía da Carolina do Norte, onde tinha criado uma bem-sucedida cadeia de lojas de móveis para jardim.

No verão, antes de vender a casa, Rachel procurou a Berkshire Security Associados e conversou com Brian Delacroix, um detetive particular. Era poucos anos mais velho que ela e tinha o porte elegante e esguio de um praticante habitual de corrida. Ele a recebeu em seu escritório, num segundo andar de uma área industrial em Chicopee. Era uma sala apertada, comportando apenas o próprio Brian e uma mesa, dois computadores, e uma fileira de arquivos de metal. Quando ela lhe perguntou onde estavam os “associados” do nome da firma, Brian explicou que o associado era ele. A matriz ficava em Worcester. A filial de Chicopee era uma franquia, que ele tinha acabado de abrir. Propôs recomendá-la a um profissional mais experiente, mas ela não tinha a menor vontade de entrar no carro e dirigir até Worcester, de maneira que decidiu correr o risco e acabou por contar a ele o motivo de sua consulta. Brian fez algumas perguntas, tomando notas num bloco de folhas

amarelas, e a fitou nos olhos com uma frequência suficiente para fazê-la perceber uma ternura simples em seu olhar que parecia incongruente em alguém tão jovem. Ele lhe deu uma impressão de franqueza, e parecia tão novo na atividade que ainda se mantinha honesto, opinião que seria confirmada dois dias mais tarde, quando aconselhou Rachel a não contratá-lo, nem a ele nem a qualquer outro detetive. Disse-lhe Brian que teria podido aceitar o caso dela e provavelmente cobrar-lhe umas quarenta horas de trabalho antes de chegar à mesma conclusão que apresentava agora.

“Você não tem informação suficiente para achar esse sujeito.”

“E é por isso que eu quero contratá-lo.”

Ele se ajeitou na cadeira. “Fiz algumas pesquisas depois da nossa primeira conversa. Nada de importante, nada que justifique eu lhe cobrar alguma coisa...”

“Eu pago.”

“... mas o suficiente. Se ele se chamasse Trevor ou, sei lá, Zachary, teríamos uma chance de localizar alguém que tenha dado aula vinte anos atrás, em algum dos vinte e tantos estabelecimentos de ensino superior de Massachusetts ou Connecticut. Mas, sra. Childs, rodei uma análise rápida no computador e, nos últimos vinte anos, nas vinte e sete instituições que identifiquei como possíveis, encontrei setenta e três”, e assentiu com a cabeça, diante da reação chocada da cliente, “professores adjuntos, substitutos, assistentes, associados e titulares chamados James. Alguns deles só trabalharam um semestre, outros menos ainda, enquanto outros persistiram e se tornaram professores efetivos.”

“E o senhor consegue acesso às fichas de registro no emprego, às fotos dos arquivos?”

“De alguns deles, sim, talvez a metade. Mas, se ele não fizer parte dessa metade — e como a senhorita iria identificá-lo pra começo de conversa? —, precisaríamos encontrar o rastro dos outros trinta e cinco James, que, a julgar pelos dados demográficos gerais do país, podem ter se espalhado pelos cinquenta estados, e conseguir uma foto de cada um deles datada de vinte anos atrás. Aí eu não iria lhe apresentar uma conta por quarenta horas de trabalho, mas quatrocentas. E nem assim teria como garantir que encontrámos o cara.”

Ela se viu tomada por várias reações — ansiedade, raiva, desamparo, que produziu mais raiva, e finalmente uma irritação obstinada com aquele

idiota que se recusava a fazer seu trabalho. Tudo bem, ela iria encontrar alguém disposto.

Ele leu o que se passava nos olhos de Rachel, e na maneira como ela puxou a bolsa para junto do corpo.

“Se a senhorita procurar outra pessoa e virem que é uma jovem que pôs a mão em algum dinheiro pouco tempo atrás, vão dar um jeito de lhe tirar aos poucos tudo o que tem, mas nem assim vão encontrar nada. O que seria um caso de estelionato, na minha opinião, mas perfeitamente legal. E aí a senhorita, além de continuar sem pai, ainda perderia todo o seu dinheiro.” Ele se inclinou para a frente e perguntou em voz baixa. “Qual é o seu local de nascimento?”

Ela acenou com a cabeça na direção da janela que dava para o sul. “Springfield.”

“E tem o registro do nascimento no hospital?”

Ela fez que sim. “O pai figura como ‘desconhecido’.”

“Mas nessa época os dois estavam juntos, Elizabeth e James.”

Ela assentiu de novo. “Uma vez, depois de beber um pouco mais, ela me contou que na noite que entrou em trabalho de parto os dois estavam brigados, e ele tinha saído da cidade. Ela me teve sozinha e, como ele não estava presente, recusou-se a me registrar no nome dele, por despeito.”

Ficaram sentados em silêncio até ela perguntar, “Quer dizer que o senhor não vai aceitar o meu caso?”.

Brian Delacroix balançou a cabeça. “Melhor a senhorita esquecer.”

Ela se levantou, com os antebraços trêmulos, e disse, “Muito obrigada pelo seu tempo”.

Ela encontrou fotografias escondidas em vários cantos da casa — na mesa de cabeceira do quarto da mãe, numa caixa no sótão, enchendo toda uma gaveta do escritório. Pelo menos oitenta e cinco por cento das fotos eram delas duas. Rachel ficou impressionada com o amor que cintilava tão obviamente nos olhos claros da mãe, embora, a bem da verdade, mesmo nas fotos esse amor tivesse um ar complicado, como se Elizabeth estivesse sempre a ponto de reconsiderar seus sentimentos. Os outros quinze por cento das fotos eram de amigos e colegas da academia e do meio editorial, quase